

# Tancredo, sempre um colecionador de amizades

Pouco antes de ser eleito, o Presidente fez um longo relato sobre sua vida pessoal e política

“Sou filho de um pequeno burguês de São João Del Rey, comerciante médio, que morreu aos 46 anos, deixando 12 filhos. Minha mãe ficou viúva muito moça, com 36 anos, sem meios nem recursos. Realizou o milagre de formar todos os meus irmãos”.

Da meninice, suaves lembranças, nostalgia da vida livre do interior mineiro:

— Vivi a infância comum de todos os meninos de Minas Gerais. Banho de rio, tocar sino nas igrejas, ajudar missas, pedalada todos os dias.

— Por falar em pedadas, a paixão pelo futebol começou cedo, como em todo bom brasileiro:

— Eu e Zezinho (José Bonifácio Lafayete de Andrada, o Zezinho Bonifácio, da UDN) somos adversários tradicionais há 20 ou 30 anos. Eramos adversários no futebol; eu era meia-direita do Minas de São João Del Rey, ele meia-esquerda do Olímpic de Barbacena. Devia ser o contrário, mas era assim. Fomos adversários na tribuna forense. Adversários na política. Mas somos amigos.

Aliás, amizade foi uma coisa que Tancredo sempre colecionou. Jamais se meteu em pancadaria, embora desde cedo mostrasse espírito de liderança. E é ele quem conta:

— Sempre fui um conciliador. Briga de engalfinhamento, nunca entrei. Mas promovíamos movimentos. No ginásio cheguei a chefiar uma greve de estudantes porque o comércio decidira abrir as portas no dia 21 de abril. Fechamos o comércio todo.

Na fase escolar, o contato com a realidade e com a política, ainda no primário. No ginásio, a paixão pela literatura, pelos clássicos.

— Estudei no João dos Santos, grupo tradicional da cidade, das famílias remediadas. Não havia grandes fortunas, mas também não havia misérrimas, a economia era bem distribuída. Por isso mesmo, o povo

depois.

Tancredo confessa ter passado um dia preso, mas já depois da implantação do Estado Novo de Getúlio, quando militava como advogado sindical.

O que se sabe, com segurança, é que, após a conclusão do curso de Direito, fez pós-graduação em Economia.

— De 1932 a 1933 exerci a Promotoria de Justiça, mas veio o período constitucional de 1934 e fui ser vereador.

Vereador e presidente da Câmara, exerceu também interinamente a Prefeitura de São João Del Rey.

As atividades políticas de Tancredo se encerraram com o Estado Novo e a ditadura getulista.

— Entre 1937 e 1945, eu só advoquei.

Essa interrupção da vida política é contada por Tancredo assim:

— No dia 10 de novembro recebi o radiograma dizendo que o Senado, câmaras Federal e Municipais e assembleias legislativas tinham sido dissolvidos. Como presidente, dei ciência aos vereadores que estavam com os mandatos cassados, que não representavam mais nada.

Levantou um vereador integralista, farmacêutico de talento, e fez um elogio do golpe de Estado. Era vereador também um médico que tinha sido constituinte republicano em Minas — Elói Mendes. Este fez um protesto veemente. Ao meu lado estava um fazendeiro que me perguntou, então, assim: Doutor, não tô entendendo nada. O que é isso? É uma ditadura, um regime de força no Brasil, respondi. Mas nós vamos sair do lado de montar? Ele tornou a perguntar. Foi a melhor definição de ditadura que já ouvi até hoje.

Ou você sai do lado de montar ou sai montado.

Durante o tempo em que advogou, entre 37 e 45, Tancredo trabalhou com os ferroviários da Rede Mineira de Viacão e com os empregados do comércio.

— Eu fui advogado sindical, não se cansava Tancredo de dizer em reuniões com sindicalistas.

— Fui até preso porque estava à frente de um movimento. Eu até insulsei a greve. A causa era justa e eu me empenhei pessoalmente junto à chefia de Polícia para impedir a prisão de muitos e solicitar a soltura de outros.

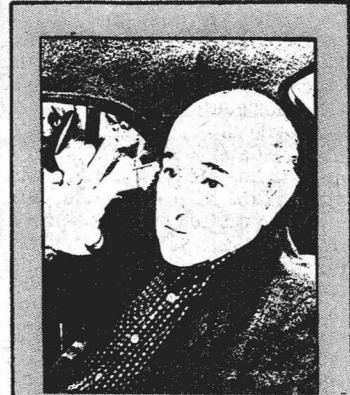
A prisão de Tancredo durou 24 horas mas o movimento em que se empenhou acabaria se tornando vitorioso.

## NAMORO CONSERVADOR

Nesse período aconteceu o casamento de Tancredo com dona Risoleta, um assunto que praticamente não entra em entrevistas a jornais, rádios e tevês. Uma das poucas vezes em que o caso chegou a ser conversado, Tancredo procurou passar à frente rapidamente.

— Conheci Risoleta quando ela estudava no colégio. Nós ficávamos esperando as meninas na saída do colégio. Acontecia o que todo mundo sabe muito bem: piadas, bilhetinhos, os irmãos com raiva. E tudo aconteceu de uma hora para outra.

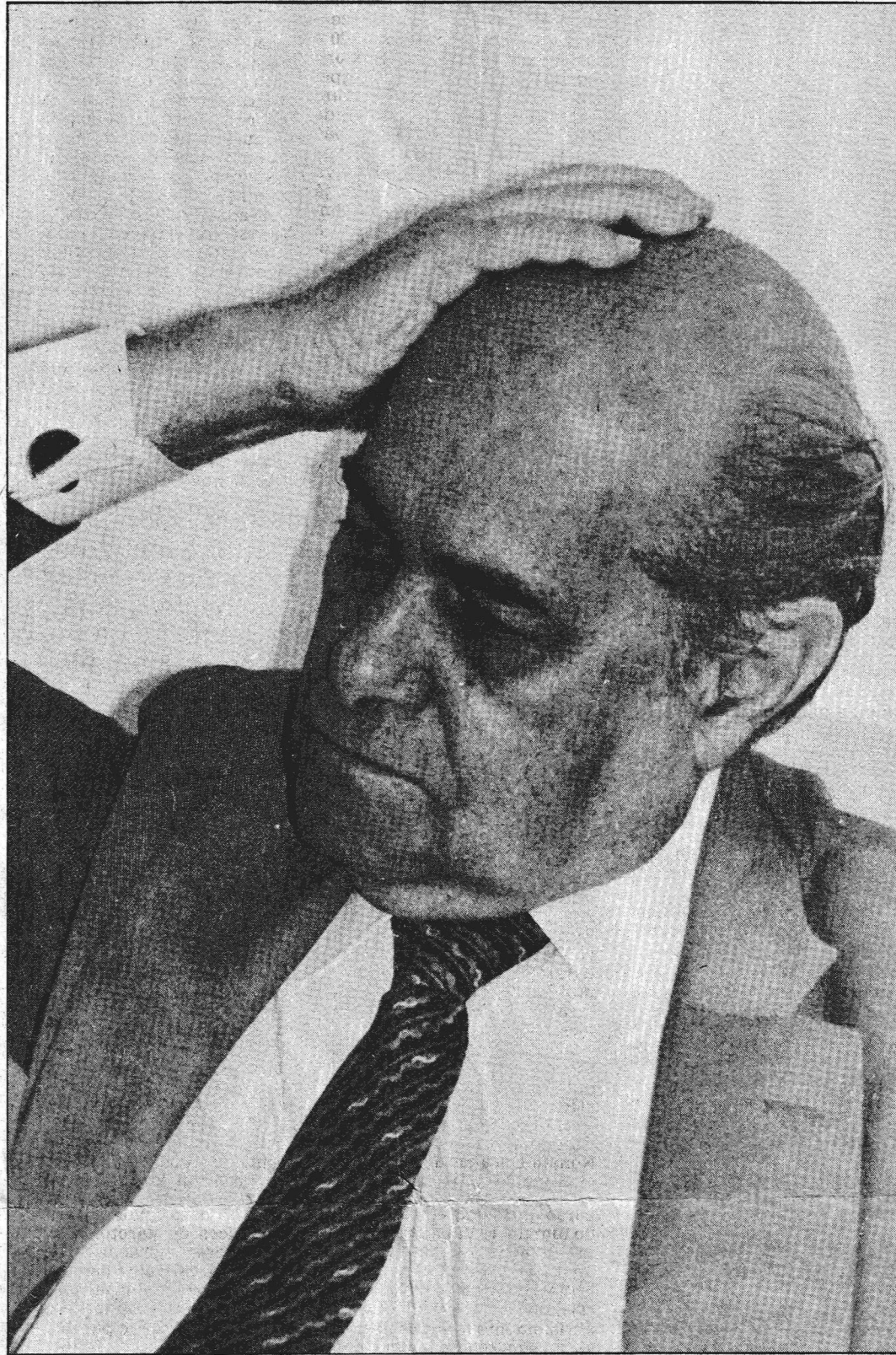
O namoro foi conservador, ao estilo de São João Del Rey, mas o casamento se realizou em Cláudio. Tancredo não levou o assunto à frente, respondendo



**Dona Risoleta foi a primeira namorada. Bem ao estilo do antigo interior mineiro**

simplesmente “foi” à pergunta sob Risoleta tinha sido sua primeira namorada.

A queda de Getúlio em 45 e o início da democratização do País o encontraram em boa posição política e social. Em 1940, ele tinha mudado para o solar dos Neves que pertencia, então, às suas duas tias, Marieta e Davina E foi Tancredo quem iniciou as reformas banheiros, duas copas, cozinha e uma varanda lateral. Dentro dele há um cravo autêntico, construído em Londres no século 18, um enorme espelho de cristal, estilo Luiz XV, do século 18, dois abajures com base de vasilha dourada, com desenhos de cenas de ópera. No escritório, um quadro a bico-de-pena, de Pereira Neto, com todos os membros da primeira Constituinte da República. Na varanda, um



Tancredo, por ele mesmo: histórias de sua vida, de Getúlio Vargas, da repressão

oratório mineiro primitivo. Num das salas, um relógio carrilhão de mais de dois metros de altura, fabricado por Riovaldo Freres, de Paris. Um anjo tocheiro, uma Senhora da Piedade, uma Santana Mestreira, várias imagens de São Francisco, um crucifixo em jacarandá são mais algumas das peças que transformaram o Solar dos Neves num dos de maior valor histórico e artístico de São João Del Rey.

Na fase de reconstitucionalização do País, Tancredo chegou a ser convidado para chefe de Polícia de Minas, mas recusou, e o cargo acabou sendo preenchido por Pimenta da Veiga.

Tancredo acabaria se elegendo para a Constituinte e para a Legislatura Mineira de 1947 a 1951. Na Constituinte uma importante tarefa: foi eleito relator.

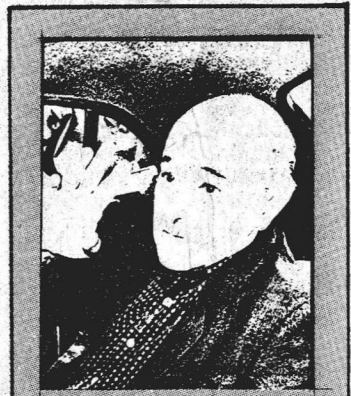
— Tive momentos importantes. O primeiro foi a promulgação da Constituição Mineira de 1946, da qual fui relator. Entreguei-me de corpo e alma aquela tarefa, que foi a primeira grande incumbência de minha vida pública. Fui escolhido pela unanimidade da Assembleia Legislativa para fazer o trabalho. Na sessão solene de promulgação do texto constitucional tive grande satisfação. Foi um esforço altamente gratificante e recompensador.

Em outro momento, quando enaltecia no Parlamento Nacional a figura de Milton Campos, Tancredo revelou mais dados a respeito desse momento histórico.

## “NÃO GANHEI ELEIÇÃO”

— Um incidente na Comissão Executiva do antigo PSD mineiro desequilibrava as forças eleitorais e eis Milton Campos alcaído a Governança do Estado. Quando candidato eu o encontrei e lamentei que tivesse de constrengido velha amizade para submeter-me às imposições partidárias que não me permitiam colocar-me a serviço de sua candidatura. Respondeu-me com imperturbável serenidade: “Não se preocupe. O meu compromisso com a UDN é o de pronunciar 12 discursos de doutrinação democrática. Não sou candidato para ser eleito. Se houvesse a mais remota possibilidade de vitória, o candidato não seria eu”. Meses depois, já eleito, encontramos-nos novamente. Felicitou-o e ele respondeu-me: “Não ganhei as eleições, vocês perderam-nas”. Era assim Milton Campos, simples, despretenso, um quase fatalista. Na direção do Estado, ninguém melhor do que eu pode dizê-lo, líder que fui da oposição ao seu governo na Assembleia Legislativa, portou-se como magistrado. Foi o defensor do partido vencido e, às naturais exigências dos correligionários,

respondia apelando para a lei, recusando-se formalmente à prática das derrubadas solicitadas. “O meu governo será mais da lei do que dos homens”. E desta norma não se afastou. Relator da Constituição Mineira, promulgada em 1947, como ele houvera sido da promulgada em 1935, tive com o Governo vários contatos e pude verificar-lhe a preocupação de respeitar a lei, de transformar o Palácio da Liberdade em tribunal político



**As refinarias internacionais encontraram na UDN, que buscava o poder, o aliado**

co recusando-se a nele montar um laboratório de soluções fáceis.

Após a elaboração do seu relatório sobre a Constituição, Tancredo pôde dizer, a 5 de maio de 1947: “Sentimo-nos, todos, tranquilos com a nossa consciência. Há um mês, em sessões diárias, que nos forçaram a acurados estudos, vimos dedicando as nossas melhores energias na execução do projeto, que é hoje submetido à apreciação da Assembleia. Obra simples e despretenso exigiu, no entanto, dos seus artífices, um paciente trabalho de construção e cuidadoso esforço de interpretação. Venham agora as emendas para corrigir os lapsos, enganos e falhas que por certo não escaparam à argúcia e à lúcida inteligência dos Srs. Constituintes, de cuja cultura muito esperamos para o seu aperfeiçoamento”.

Em 1950, Tancredo vai para a Câmara Federal, após a desistência de seu padrinho político, Augusto Viegas, de concorrer novamente a um mandato.

— Em 1950, com a desistência de Augusto Viegas, disputei a Câmara Federal, elegendo-me. Em 1952, Getúlio convocou-me para assumir o Ministério da Justiça. A velha UDN não deglutira a derrota e passara para

a conspiração aberta contra Getúlio. O presidente, por outro lado, sentia a necessidade de promover a industrialização do País e sua independência econômica. Ora, tal projeto contrariava os interesses do imperialismo. Com a lei do monopólio estatal do petróleo e a criação das refinarias, as empresas petrolíferas internacionais passaram ao ataque. Encontraram na UDN, que buscava o poder a qualquer preço, o aliado. Começa, então, a campanha sistemática contra Vargas. Muitos nela embarcaram sem saber exatamente a que interesses serviam. Nesse movimento, a participação estrangeira é clara. Os norte-americanos decidem desestabilizar o regime. Usam as manobras clássicas. Era preciso fazer o cerco econômico, para promover a inflação, um dos grandes fatores de desordem política. Como fazem? Cortam a importação do café. Somos obrigados a emitir, para suprir a falta de exportação. Em junho e julho, depois de uma continuada redução dos embarques, os Estados Unidos não nos compram uma só saca de café. Vem então o assassinato do major Rubens Vaz, o elemento que faltava para sensibilizar as Forças Armadas. O atentado da rua Toneleros ainda não está muito bem explicado — mas é meridianamente claro que ele não servia aos interesses do governo Vargas. Instala-se, então, o inquérito do Galeão, com a indiscrição lavrando na Força Aérea. Quando o coronel Adyl de Oliveira declara que a família de Vargas não estava envolvida no incidente, os brigadistas se reúnem e fazem o seu famoso manifesto contra o presidente. Como seu ministro da Justiça, cumpria-me defender-lhe as prerrogativas constitucionais de autoridade. Sugerir então que os signatários do Manifesto fossem colocados em prisão domiciliar, como medida que viesse a esmorecer o movimento de indisciplina, impedindo-o de alistar às outras armas. Quando o se adverti que oficiais do Exército poderiam solidarizar-se, recusei o alvitre com uma frase muito ao seu estilo de homem bravo: o papelório não tem importância. O que puser a cabeça de fora terá que ajustar contas com o m i g o.

— O resto a história sabe e já contou em grande parte. Mas há um episódio que Tancredo narra com riqueza de detalhes e que ele considera, por sinal, o momento mais triste de sua vida: a morte de Getúlio.

— Eu estive com o presidente na véspera de seu suicídio, quando preparávamos a reunião ministerial. Ele mantinha uma curiosa característica de governo: não gostava de reunir o Ministério. Durante os dois

anos e meio em que fui ministro do presidente Getúlio, ele só fez uma reunião ministerial — foi também a última, que antecedeu seu trágico desfecho. Foi uma reunião tumultuada. Ela já é conhecida da Nação em todos os detalhes. Desta reunião é importante perceber a dignidade do presidente, sua postura de estadista e a maneira espartana como comandou aquela reunião e como nela se situou. Em nenhum momento perdeu a calma ou a serenidade, em nenhum momento teve sequer um gesto brusco. Depois que todos deram opiniões, ele encerrou a reunião, dizendo que entraria em licença e esperava que as Forças Armadas mantivessem a ordem no País. Se isso não acontecesse, ele saberia cumprir seu dever para com a Nação.

Foi nessa reunião que Tancredo recebeu de presente a famosa caneta de Getúlio.

— Foi antes da reunião ministerial. Os ministros já estavam reunidos, e eu subi e comuniquei a ele que todo o Ministério já estava no Catete e no momento que ele desejasse poderíamos iniciar a reunião. Ele estava lendo uma folha de papel, que depois verifiquei ser a carta-testamento. Dobrou aquele pedaço de papel, colocou no bolso externo do paletó e pegou a caneta, que estava num tinteiro em cima da sua mesa de trabalho. E disse: guarde isso como recordação destes dias. Naquele momento, com tantas preocupações, não atribui maior significado ao gesto.

## NA HORA DO SUICÍDIO

Tancredo seria também uma das únicas pessoas a ver e sentir os últimos instantes da vida de Getúlio.

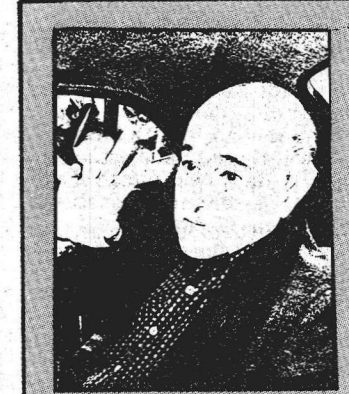
— Estava no Catete na hora do suicídio. O capitão Dornelles desceu correndo, avisando que o Presidente tinha dado um tiro no peito. Quanto cheguei ao quarto ele ainda estava vivo, com metade do corpo fora da cama. Alzira e eu o colocamos na cama. De seu coração jorrava sangue aos borbotões. Procuramos acomodá-lo e conter a perda de sangue. Ele olhou em volta e encontrou Alzira. Fixou-se nela e morreu. Não deu uma palavra.

No governo Juscelino, Tancredo é nomeado diretor do Banco do Brasil.

— Nossa convivência, diz Tancredo em relação a JK, era muito estreita. Acompanhei sua carreira desde a campanha para governador até a antevéspera de sua morte. Acompanhei-o durante o exílio através de cartas, telefonemas e amigos comuns. Fiz a ele uma visita em Paris, fui lá só para isso. Era um político exemplar.

A derrota nas eleições de 1960 para Magalhães Pinto seguiu-se, logo após, a sua convocação para negociar com João Goulart a pacificação nacional através do parlamentarismo. Em seu discurso de despedida do Parlamento, Tancredo Neves se referiu muito bem a esse episódio.

— Condenado ao ostracismo em virtude do revés eleitoral, sou convocado a tentar a obra hercúlea de pacificação nacional. A solução constitucional para a crise, ou seja, o provimento da Presidência da República pelo vice e legitimamente eleito, saudoso João Goulart, era violentamente impugnado



**Getúlio olhou em volta e encontrou Alzira. Fixou-se nela e morreu. Não deu uma palavra**

por fortes segmentos de nossas Forças Armadas, solidariamente apoiados por expressivas lideranças parlamentares e prestigiosos órgãos de nossa imprensa”.

... Rumamos para Montevidéu, onde se encontrava o presidente João Goulart. Não nos foi difícil convencê-lo das reivindicações dos seus adversários para que sua posse se fizesse, cercada do respeito e acatamento de todos. Em nenhum momento, diga-se a bem da verdade histórica, em testemunho da grandeza d'alma do presidente João Goulart, admitiu Sua Excelência chegar à Presidência da República se tivesse que deramar uma só gota de sangue brasileiro. Nessa hipótese, renunciaria à investidura. Esta era, no seu espírito, uma inabalável decisão”.

Tancredo, mesmo contra a

sua própria vontade, acabaria primeiro-ministro.

Assisti antes ao meu nome passar por dois rigorosos crivos: a aprovação da bancada do meu partido e a do plenário do Congresso, na época um poder na plenitude das suas atribuições constitucionais, cioso da sua independência e cioso de suas responsabilidades históricas.

O governo parlamentar durou pouco, mas foi o primeiro em que Tancredo deixou marcas profundas na história republicana.

Em 1964, líder do governo João Goulart no Congresso, assistiria à queda do regime:

— A Revolução me apanhou líder do governo deposto na Câmara dos Deputados. Logo em seguida veio a eleição do presidente Castello Branco pelo Congresso Nacional. Todo o PSD, numa reunião histórica na casa do ex-deputado Joaquim Ramos, decidiu votar em Castello Branco. Fui o único possedista que não votou nele, embora mantivesse com ele um relacionamento excelente de ordem pessoal. Tinha por ele muita estima e uma convivência muito agradável, decorrência do período que estivemos juntos na Escola Superior de Guerra, por mais de um ano. Foi em 56 e 57 na turma Teófilo Otoni”.

## QUASE CASSADO

Chegou a se falar, na época, que Tancredo também seria cassado e há informações mesmo de que isso deixou de ocorrer por pouco.

— O Castelo não me cassaria pois era meu amigo muito antes de ser presidente... O Costa e Silva era meu amigo desde os tempos de maior em São João Del Rey... Na vigência da Junta Militar o meu mandato periclitou.

Durante muitos anos, Tancredo manteve um silêncio.

— Só voltei a falar quando a Revolução tinha exaurido sua



**Nunca fujo ao chamado da Pátria. Prefiro cair com Minas a cair em Minas**

fúria. Não adiantava nada opor-se ao processo militar em marcha. Seria uma insensatez, uma loucura fazê-lo. Tivemos que aguardar que o processo se exaurisse. Mas foi um tempo, difícil porque tivemos que dar apoio e atenção a companheiros perseguidos, presos, exilados, e também às suas famílias. Durante esse período só tive contato com o general Orlando Geisel. Nunca para fazer pedidos de ordem pessoal mas para solicitar por colegas que estavam presos, chefes de famílias no exterior sem poder retornar ao Brasil. Quero dizer que ele foi perfeito, nunca deixou de me atender.

O silêncio, interrompido de vez em quando por pronunciamentos a respeito de direitos humanos, Lei de Segurança Nacional, Acordo Nuclear Brasil/Alemanha e outros temas, passaria a deixar de existir com a eleição para líder do MDB no Congresso. Depois, seria formado o PP e finalmente o retorno ao PMDB, seguindo-se a eleição para o Senado, a campanha para o Governo de Minas e a campanha para a Presidência.

Em todos esses momentos, pequenas revelações de um pensamento e de uma vida. Como ao tomar posse como Governador:

— O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade... Minas nasceu da luta pela liberdade. E porque a liberdade é o ânimo das Pátrias a Nação surgiu aqui na rebelião criadora dos Inconfidentes que nos deram por bandeira o mais forte de todos os ideais. Liberdade é o outro nome de Minas...

O mesmo tema voltou a ser a base do discurso de 21 de abril de 1984, quando o País estava em crise, estado de emergência decretado em Brasília e Tancredo partia de Ouro Preto para tentar promover a união de todos.

Finalmente, a 14 de agosto, Tancredo iniciava oficialmente a campanha que todos já esperavam, usando, ao final de seu discurso de transmissão de cargo a Hélio Garcia, um texto histórico.

Por isso não fujo ao chamado da Pátria. Levarei comigo, fazendo-a minha, aquela frase histórica de Bueno Brandão: Prefiro cair com Minas, a cair em Minas.



**O Zezinho (José Bonifácio) jogava na esquerda e eu na direita. Deveria ser o contrário**

era muito independente. Era o único município de Minas onde o Bernardes perdia eleição.

— Na fase ginásial, li de tudo. Todo o Eca de Queiroz, todo o Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, José de Alencar. Mas o que me empolgou mesmo foi Os Sertões, de Euclides da Cunha. Sabia trechos de cor. A medida que a gente vai envelhecendo, passa pros clássicos: Dom Quixote, Dante, Goethe...

Já se falou, várias vezes, que Tancredo foi músico, instrumentista etc. Ele nega:

— Minha mãe é que era uma pianista excepcional. Todos nós nos criamos e educamos com ela ao piano.

## VESTIDO DE ANJO

Em São João Del Rey há muitas pessoas que se lembram do menino Tancredo vestido de anjo nas procissões do Senhor Morto, enquanto as bandas e orquestras tocavam composições centenárias de autores da região, como o padre José Maria Xavier, Martiniano Ribeiro Bastos, Ireno Batista Lopes, José Cantelmo Júnior, Antônio dos Santos Cunha e Manuel Dias de Oliveira.

Outros recordam o menino sineiro, que aprendeu com João Resinga o complicado código dos sinos da cidade, principalmente da Igreja do Pilar. Numa entrevista antes de se eleger governador, mas não publicada, Tancredo chegou a dizer que ainda conhece todo o misterioso idioma dos sinos de sua terra.

No tempo de ginásio, começou a sua fama de orador, mas ele não fez referência ao fato em nenhuma declaração dos últimos 6 anos. Prefere falar que “nunca figurou entre os primeiros lugares na escola, mas também nunca entre os últimos, ficando próximo aos primeiros”.

Em 1928, Tancredo foi para Belo Horizonte, a fim de estudar Direito, formando-se 4 anos depois.

— Feito o curso de Direito, passei a ler também muita literatura jurídica. Manifestada minha tendência para a política, estudei muita Sociologia e até hoje não deixo de ler o que se publica sobre esse tema.

Há uma história segundo a qual Tancredo teria sido preso juntamente com outros colegas no tempo em que era estudante de Direito, mas todos sendo soltos por Gustavo Capanema, então secretário do Interior, logo